

O Pulgão da rosa

Curioso quadro zoológico dedicado ao pulgão da Rosa. Trata-se de um quadro isolado ainda que estética e estruturalmente se relacione com exemplares de outras colecções. É um quadro simples onde de modo natural se especifica variados aspectos do pulgão da rosa incluindo a própria rosa. Colorido sobre fundo claro é de interpretação imediata e capta naturalmente a atenção. Tem um tamanho razoável de 66,5 cm de largura por 87,5 cm de altura. Não tem qualquer identificação excepto o facto de alguém ter escrito o nome no próprio quadro. Existiam dois exemplares um num armário de parede e outro num suporte próprio em pleno corredor da sala de ciências. A curiosidade principal é que este último se encontra parcialmente envernizada apenas cerca de um terço na parte superior, enquanto o outro está totalmente envernizado ainda que de modo muito irregular na distribuição do verniz. Esta questão do envernizamento tem a ver sobretudo com as disponibilidades monetárias do Liceu. No geral, os quadros e mapas, pelo menos os mais antigos, eram apenas imprimidos em papel. Quando a disponibilidade monetária era maior os exemplares eram adquiridos já com envernizamento, colados em pano ou tela e com régua a enquadrá-los no cimo e em baixo. Quando as restrições orçamentais o impunham eles eram comprados apenas em papel e depois, quando possível, eram enviados a firmas que os envernizavam, colavam em pano e enquadravam. Também recorreram, por vezes, a essas firmas para os recuperar de estragos. No entanto várias vezes o recurso foi não a firmas mas sim a indivíduos que eram pagos para fazer essa tarefa, apresentando como recibo folhas de papel assinadas, o que aliás era legal e aceite pelo Tribunal de Contas. Alguns desses indivíduos eram mesmo funcionários do liceu, pelo menos os recibos são passados por pessoas com nomes iguais aos que constavam na lista de funcionários. Como se tratavam de pessoas e firmas diferentes, o resultado final foi também diverso. Algumas vezes a correspondência trocada entre o liceu e os fornecedores menciona que procuravam saber o preço dos exemplares com ou sem verniz, pano e régua, antes de decidir a modalidade de aquisição. A partir dos anos 60, do século XX, esta actividade de envernizar os exemplares parietais como forma de conservação foi gradualmente desaparecendo e em meados da década já tinha cessado completamente. Entretanto as novidades técnicas permitiam que muitos dos novos mapas já fossem impressos em papel plastificado.